

INJÚRIA NA TEORIA, "ENCARNAÇÃO" NA PRÁTICA? OFENSAS VERBAIS ENTRE ESTUDANTES DE BELÉM

Alan Augusto Moraes Ribeiro
Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo (USP)
alanaugustoribeiro@usp.br

RESUMO

Neste artigo, apresento a análise de dez casos de ofensas verbais relatadas por estudantes de duas escolas da periferia de Belém do Pará. Por meio de etnografia e entrevistas, discuto o conteúdo ambivalente dos epítetos presentes em situações ofensivas para sugerir o caráter polissêmico que o conteúdo das ofensas carregam consigo. Articulado autores clássicos da Antropologia com autores contemporâneos do denominado pós-colonialismo, procura-se discutir o difícil trabalho de definição categórica dos termos pelo pesquisador diante da classificação fluida e mutável dos estudantes. Noções locais como "encarnação" e "tirar sarro" são construídas pelos sujeitos para classificar ofensas, retirando desta categorização a noção de injúria racial propriamente dita, desestabilizando tal definição ao mesmo tempo em que sugerem um modo conflitivo de construir identidades raciais.

Palavras-chaves: ofensas verbais. Injúria. identidades raciais. raça

INJURY IN THEORY, "ENCARNAÇÃO" IN THE PRACTICE? OFFENSES VERBAL BETWEEN STUDENTS OF BELÉM

Alan Augusto Moraes Ribeiro
Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo (USP)
alanaugustoribeiro@usp.br

ABSTRACT:

In this article, I present the analysis of ten cases of verbal abuse reported by students from two schools of the periphery of Belém do Pará. Through ethnography and interviews, discuss the content of ambivalent situations present in offensive epithets to suggest the polysemous nature of the content the offenses carry with them. Articulating the classic texts of contemporary authors Anthropology with the so-called post-colonialism, seeks to discuss the difficult work of defining categorical terms by the researcher in front of fluid and changing classification of students. Local notions as "encarnação" and "tirar sarro" are built by the individuals to classify offenses, removing the notion of categorization of racial insults itself, destabilizing this definition, while that suggest a way to build conflictive racial identities.

Key words: verbal abuse. Injury. racial identities. race.

Considerações Iniciais: descobrindo ofensas nas escolas.

Este artigo é um desdobramento de minha pesquisa de mestrado em Antropologia, realizada em 2009 e 2010, na Universidade Federal do Pará (UFPA), na qual analisei dez (10) casos de *ofensas*³⁴ verbais, entre estudantes de duas escolas do bairro do Guamá, periferia da região metropolitana de Belém-Pará. Nesta pesquisa, analisei doze (12) entrevistas concedidas por estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Alexandre Zacharias de Assumpção, denominado por estudantes, professores e moradores do bairro como “Zaca”, e da Escola de Ensino Infantil, Fundamental e Médio Madre Zarife Sales, identificada como “Madre” (escola católica e particular do bairro) com o objetivo de identificar a ocorrência de ofensas verbais nas duas escolas. Do total de entrevistas (nove (9) “Zaca” e três (3) no “Madre”), dez (10) foram realizadas com os estudantes “denunciantes” e apenas duas (2) com estudantes “denunciados”³⁵.

Em torno destas entrevistas, me indaguei sobre as maneiras diversas pelas quais os “denunciantes” classificaram, por si mesmos, as situações ofensivas³⁶ e os termos verbais nelas ocorridas em contraposição à definição prévia de **injúria racial** que eu trazia no projeto de pesquisa, antes de iniciar a pesquisa de campo, baseando-me na definição de crime de racismo apontada pela lei nº. 9. 459/1997, reformulação da lei 7.716/1989, em razão da reivindicação histórica do ativismo negro (GUIMARÃES, 2000). Esta contraposição se apresentou de modo explícito quando os termos “*encarnação*”, “*tirar sarro*” e “*tirar com a cara*”, apesar de sugerirem uma polissemia

³⁴Ofensas e insultos são usadas aqui como sinônimos, distintas da acepção jurídica de injúria racial.

³⁵No período da pesquisa, não tive autorização da direção do “Madre” para entrevistar os “denunciados”, bem como não consegui localizar no “Zaca” outros ofensores apontados pelos “denunciantes”.

³⁶**Situação ofensiva** é meramente o contexto em que tento situar cada caso registrado, localizando possíveis causas, locais e envolvidos no momento em que ocorreram os insultos, tentando resgatar as circunstâncias que os cercaram a partir da exposição das entrevistas de “ofensores” e “ofendidos”.

complexa, foram usados pelos sujeitos para denominar as situações nas quais ocorreram as evocações dos insultos que apresento logo a seguir. Tomando como ponto de partida a definição de **insulto racial** que abarca dois elementos intimamente ligadas, estas situações estão, sobretudo, remetidas ao contexto em que elas ocorrem.

O primeiro aspecto diz respeito ao elemento ritualístico do insulto, ou seja, constitui um *insulto racial ritual*, por meio do qual “ofensas são trocadas de modo regulado, pondo em evidência o domínio verbal e o controle emocional dos participantes”. O segundo aspecto remete-se as relações de poder propriamente ditas, nas quais as ofensas verbais raciais seriam, basicamente, “(...) tentativas de legitimar uma hierarquia social baseada na idéia de raça”. (GUIMARÃES, 2002, p. 171). Ambos os aspectos são importantes para compreender as entrevistas.

No “Zaca”, tomei conhecimento das “encarnações” por meio do registro feito pelos estudantes entrevistados no B.O.I. (Boletim de Ocorrências Internas) da escola. No “Madre”, o acesso aos estudantes “ofendidos” decorreu do registro feito no questionário exploratório aplicado no início da pesquisa a 20% dos estudantes das duas escolas, pois o meu acesso ao “B.O.I.” do “Madre” não foi permitido. No quadro abaixo destaco os vocábulos presentes nas situações ofensivas coletadas por mim através dos relatos dos estudantes entrevistados. Como **termos básicos das ofensas**, estes epítetos são aqueles que foram registrados oficialmente pelos estudantes “denunciantes”.

Quadro 4: síntese de termos ofensivos registrados oficialmente pelos estudantes.

Escola de Ensino Infantil, Fundamental e Médio Madre Zarife Sales			
Ofendida (o)	Cor	Termos Ofensivos (epítetos)	Nº de ofensores (as)
Mulher	“Negra”	“Negona lisa, cabelo ruim”	2 homens.
Mulher	“Morena”	“Bundudinha, mas pretinha”	1 homem e 1 mulher.

Homem	“Moreno claro”	“Viado fudido, bicha estivadora”	2 homens.
Escola Estadual de Ensino Médio Gov. Alexandre Zacharias de Assumpção			
Ofendida (o)	Cor	Termos Ofensivos (epítetos)	Ofensores (as)
Mulher	Branca	“Safadinha”	2 homens.
Mulher	Branca	“Surfistinha”	2 homens e 1 mulher.
Homem	Moreno	“Fabão pretão feio”	3 homens.
Homem	Negro	“Macaco, urubu”	2 homens.
Mulher	Negra	“Cabelo de bucha de aço”	2 mulheres.
Homem	Moreno escuro	“Azulzão”	2 mulheres e 1 homem.
Mulher	Mulata	“Pretchoca chupona de pica”	2 mulheres e 2 homens.

Fonte: pesquisa de campo:

Maio/Junho/Agosto/Setembro/Outubro/Novembro – 2009.

A partir destes termos básicos, estipulei a existência de três tipologias de ofensas a partir do conteúdo que cada tipo carrega consigo dentro das situações ofensivas. Mesmo que, neste artigo, meus objetivos se concentrem nos aspectos raciais propriamente ditos, uma vez que esta discussão demanda *per si* um debate específico e profundo, agrupei os termos conforme três categorias, a saber, a) **raciais**; b) **homofóbicas**³⁷ e c) **misóginas**³⁸.

³⁷Sobre uma definição de homofobia como uma defesa psíquica e social que visa afastar todo e qualquer questionamento ou desestabilização de definições evidentes sobre a heteronormatividade ver: CONNEL, 1995; ou como um tipo de preconceito contra as pessoas que mostram ou a quem se imputam algumas qualidades ou defeitos atribuídos ao outro gênero, engessando suas fronteiras, ver: WELZER-LANG, 2001.

³⁸Par uma definição de misoginia como uma atitude cultural que articula tanto idéias de aversão, como de consideração de inferioridade sobre muitos aspectos comportamentais e simbólicos ligados ao feminino, sob a forma de um “sexist prejudice and ideology” cuja manifestação verbal é apenas a mais evidente, ver: (JOHNSON, 2005, p. 93).

Estas três nomeações são as tipologias de ofensas e insultos que identifiquei nos ultrajes lançados pelos estudantes nas duas escolas. As três tipologias, em alguns casos, ajudam a identificar que há uma mescla semântica no conteúdo dos insultos, embora possam ser claramente identificadas de modo particular quando ocorrem. Esta possibilidade de compreensão, ou seja, de que o racial se constrói na relação com práticas misóginas e homofóbicas orienta parte das reflexões deste artigo, ao passo que pretendo descrever o contexto em que se deu a ofensa, isto é, as situações ofensivas.

1. Insulto, jocosidade, brincadeira e sociabilidade: o que é a “encarnação”?

À definição prévia de insulto verbal racial acima lançada, tanto no campo do ritual, como no espaço das relações de poder, adicionei a distinção feita por Lévi-Strauss (1976, p.48) entre ritual e jogo, no qual o primeiro é *disjuntivo*, onde jogadores individuais ou equipes são *desiguais*, separados em ganhadores e perdedores e o segundo é *conjuntivo*, uma vez que institui uma relação orgânica entre dois grupos que eram dissociados, fazendo-os interagir *por meio* dos jogos. Ambas as definições sugerem que os termos ofensivos estão mais para o campo da ambivalência do que para o determinante, mais para a polissemia do que para a ambigüidade.

Assim, no contexto deste quadro de análise, entre o modo como os estudantes me explicaram o que seria a “encarnação”, a “tiração de sarro” e o “tirar com a cara” (ou como eu compreendi tais termos) e a maneira de pensar estas definições prévias, a definição jurídica de injúria racial se apresentou de modo limitado para me auxiliar na compreensão do jeito próprio que os envolvidos definiram os termos ofensivos.

Neste debate, a prática da “encarnação” apareceu. “Encarnação” serve para muita coisa entre os estudantes de ambas as escolas, tanto

para enfatizar, dentro do contexto da brincadeira, de pilhéria, alguma propriedade, atributo ou ação individual positiva ou negativa, como para depreciar, intencionalmente ou não, uma característica ou ato que é ora positivo, ora negativo de cada um (a). A piada ambivalente da encarnação é cotidiana, é realizada em vários momentos; é comum, ritual e não-ritual, como assinalamos antes, entre os estudantes. Ela parece absorver e esvaziar o caráter ofensivo, insultuoso dos termos raciais que são, como balizei anteriormente, tomados como “*encarnações*”.

È percebida como brincadeira, sinônimo de “tirada de sarro”, uma forma lúdica de explorar alguma caricatura grotescamente imputada a alguém, algum acontecimento ou qualquer outra coisa que se tem, que se fez ou que se faz individualmente, um ato ritual de ressaltar algo que é arbitrariamente destacado, como um erro de pronúncia, uma paquera, um corte de cabelo ou vestimenta. Nessa exploração, abarcam-se também ações ofensivas e insultantes, humilhantes para quem recebe. Portanto, a prática de encarnação serve tanto para chamar de “macaco”, “Azulzão” ou “fabão pretão feio” como para enfatizar, de forma enaltecedora, a calça nova de grife que uma estudante veste para ir a escola, em um jogo de interação escolar.

O estudante ofendido de “Azulzão” foi assim designado por duas meninas e um menino. Breno disse que a ofensa perpetrada foi por causa da “minha cor que é muito escura”. Acho que o melhor caminho para tentar localizar o significado do termo “Azulzão” veio de uma respondente do questionário aplicado no “Madre”. Quando escreveu sobre sua cor, a respondente disse que não era negra porque “negro mesmo tem a cor da palma da mão azul”. Já o estudante ofendido como “Fabão pretão feio”, relatou que os meninos que o ofenderam “xingam todo mundo na escola. Sempre ‘tão’ por aí falando essas besteiras pros outros”. Porém, ao tomar conhecimento da ofensa, a família de Breno realizou denúncia formal na Delegacia de Crimes Discriminatórios em Belém, com base na lei de injúria racial.

Alan: como são os xingamentos que eles falam?

Breno: ah, tem vários, de tudo o pessoal fala. Uma vez teve comigo. O pessoal que fica ali na escada me chamou de Fabão pretão feio...

Alan: porque Fabão?

Breno: por causa do jogador do São Paulo, aquele grandão... Ele disse que eu era da cor desse jogador aí”.

O que aproxima estas duas ofensas é a explicação referente ao significado: os dois estudantes “são ‘muito altão’ e tem a palma da mão roxa”, alusão feita por colegas de sala de aula durante a pesquisa de campo. Essa construção é muito similar ao processo de autoconhecimento do eu que se dá pelo olhar do outro, o conhecimento em terceira pessoa, em termos de inferiorização, no qual ser “grandão e negro” é ser apontado como um “acusado em potencial” cuja suposição de força física é relacionada à agressividade e violência como componentes de conduta individual, elementos presentes de modo subliminar na ofensa³⁹. Ou seja, é um autoconhecimento que se dá no enfrentamento dialético, em uma percepção do eu “como corpo no centro de um mundo espacial e temporal (...) atingido em vários pontos, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial” (FANON, 1983, 105). Mesmo assim, o estudante ofendido como “Azulzão” classificou a fala das duas colegas e do outro estudante como “encarnação”.

Entendo que “encarnação” parece ser facilmente absorvida entre os estudantes como piada, como uma baderna ritual que de modo burlesco expõem qualquer elemento do outro e de si mesmo ao grupo para ser tomado como objeto de riso, de “tiração de sarro”. A piada, sendo abafada entre os grupos que a fazem como uma brincadeira que levanta a característica destacada pelo “encarnador” como um foco de

³⁹CARVALHO (2004, p. 26) em uma pesquisa na qual estudou formas cotidianas de produção do fracasso escolar, escreve sobre esta associação direta entre violência e estudantes negros, “*transformados em potenciais suspeitos de toda indisciplina*” e aponta aspectos da cultura educacional como fontes importantes para a construção de estereótipos e discriminações de gênero e raça.

motivo do riso, da “tiração”, se imiscui à própria “encarnação” como sendo “a mesma coisa, é igual à encarnação”. É essa ausência de delimitações, de distinções óbvias entre “piada” e “encarnação” que a ofensa aparece, muitas vezes, como brincadeira ritual.

Posso dizer que "encarnação" se torna um jogo que serve para denominar e abarcar cotidianamente ações de jocosidade e de chistes que também podem ser percebidos como micro-mecanismos de naturalização das trocas de ofensas e insultos entre os entrevistados, com regras muitas fluidas, pois ritualizadas. Ou seja, em que medida o ritual é a naturalização do jogo, da ofensa verbal, da injúria racial?

As ofensas presentes na "encarnação" podem ser micro-mecanismos políticos eficientes em um modo da percepção de si feito realizados pelos envolvidos nas situações ofensivas. Essa construção, embora retrucada, tem resultados diferentes conforme a percepção de cada estudante, consoante o contexto que ocorre a alteração de ofensas – quando outros colegas observam o situação ofensiva, a vergonha e a humilhação parece ser maior para quem recebe, pois quem envia geralmente envia em grupo. É uma marca identificadora que é interpretada sob representações conflitivas sobre a alteridade na escola, em sociabilidades estudantis que nelas acontecem diariamente. Um cotidiano marcado pela predominância de padrões estéticos que está na intensidade do que na escola é experienciado, inscrevendo no eu dos estudantes registros de eventos importantes. Estes eventos saem da escola e permanecem na vida depois dela.

“Flávia: A gente tava aqui na frente e ai elas entraram aqui na escola. Tava uma galera aqui pra poder entrar e elas conseguiram entrar com uns meninos que tavam com elas ai e ai elas gritaram: ‘ei cabelo de bucha de aço’ pra mim.

Eu tava lá no portão que entra os carros dos professores e elas ficaram olhando pra mim antes delas entrarem... E também eu conheço elas porque elas moram lá naquele prédio [edifício] José Bonifácio... Eu morro lá no fim da São Cristovão e eu vejo elas lá. Eu já discuti com a menina, sem ser a que gritou, mas com a outra... Eu

reclamei no dia pra M., a professora de literatura aqui da escola, mas ela disse que não dava pra fazer nada porque a secretaria tava fechada, e que era pra eu esperar segunda-feira, e não sei o que..”.

Salta aos olhos tanto a despreocupação por parte da docente que recebeu a queixa de Flávia como o explícito conteúdo racial do termo ofensivo destacado. Neste caso, a disjunção é clara, e a idéia de jogo, pressupondo réplica ou tréplica, mesmo que em outros momentos, não parece estar presente nesta situação. Em termos políticos, a injúria racial está aqui presente. Já em outra situação ofensiva, o conteúdo racial da ofensa surge em razão de uma olhar também político, quando se articula a reflexão sobre o lugar da branquidade como um lugar de privilégio atravessado por uma gama de outros eixos de imunidades e subordinações, uma zona de conforto, um lugar de poder simbólico do qual se nomeia os outros, mas dificilmente é nomeado. Esse lugar simbólico, estabelece contornos políticos para estabelecer geografias sociais raciais desiguais (FRANKENBERG, 2004; WARE, 2004; SOVIK, 2004, 2009, PIZA, 2002, 2007 & BENTO 2002). Para Liv Sovik (2009, p. 80-81), de outro modo, a branquidade é incomodada, mas somente quando se explora a imagem da mulher branca; no caso aqui apresentado, esse incômodo acontece quando são “encarnadas” com epítetos referidos à prostituição como algo negativo.

“Alan: Thais, você foi à diretoria da escola no começo desse ano pra fazer uma reclamação... Que você foi ofendida por colegas seus? Como é que foi isso, como foi essa situação?

Thais: Não, Foi que eles me chamaram de safadinha. Eu não gostei e fui lá com a Eneida.

Alan: o que aconteceu depois com eles?

Thais: nada! (risos) Eles nem tavam na escola mas, quando ela [diretora] foi lá atrás deles. Foi em Abril até isso. Se eu não me engano parece que foi!”

A estudante ofendida como “surfistinha”, Camila, definiu um dos estudantes “ofensores” como negro e os outros dois como pardos. Precisei agendar quatro (4) vezes a data da entrevista. Ela não permitiu o uso do gravador, mas registrei em meu “caderno de campo” a ofensa. Foi um diálogo muito conciso. O que consegui foi uma conversa em que apenas anotei de modo muito fragmentado algumas informações. Consegui anotar alguns trechos de frases que para mim parecem ser emblemáticas acerca da relação que a estudante parece ter com os colegas de escola: a) “porque rola uma fofoca aqui que eu faço programa; b) “porque meu namorado tem carro”; c) “eu me defino loira, branca”; c) “mas minha mãe é branca e meu pai moreno claro, dele que eu ‘peguei’ meus olhos (azuis)”. O que parece ser ofensivo aqui não é a cor das estudantes, mas o que elas estimulam na imaginação dos “ofensores”.

O que se destacada é o estereótipo de “garota” que sai da escola e entra em um “carrão todo peliculado”, em pleno bairro de periferia, atribuído à Camila. Ela é “destaque” entre os estudantes, sobretudo os que sempre ficam na área de recreação do Zaca, enquanto caminha pelos espaços da escola; é alvo das cantadas, assobios e acenos repletos de galanteios. Porém em termos de análise, há similaridades com as ocorrências relativas aos estudantes dos dois casos anteriores. Essa similaridade está associada à possibilidade de não-nomeação e de neutralidade racial da branquidade (FRANKENBERG, p. 312), o que significa dizer que, há um conteúdo racial nestes termos, articulados às representações de gênero.

Embora em outra situação ofensiva apareça o termo “branquelo” como reação a um insulto, a zona de conforto de quem se denomina branco, possível por conta da neutralidade racial (PIZA, p. 106) dessa autoclassificação, possibilitada pela imagem não-marcada da branquidade, não torna “branquelo” ofensivo tal qual “macaco”: parece que a inferiorização do eu, um efeito lower mind cujos resultados psicossociais negativos sobre a estima do eu (hooks, 2004) não acontece do mesmo modo entre os dois estudantes.

Considerar esses insultos, associados aos sinais e marcadores que conformam conteúdos identificadores sexuais estereotipados é fazer uma digressão a partir de uma entrevista que está mais para uma conversa informal, com poucos registros concretos. Mas o que se sugere é que branco é um cognome não-assinalado, apenas lembrado na autodenominação do próprio sujeito por meio de outros marcadores simbólicos não controlados totalmente por ele (FRANKENBERG, p. 311). Por fim, o que deve incomodar é que, embora ofendidas por meio de termos sexualizantes, a branquidade é lembrada sim, mas sem ser nomeada como o é moreno, preto, índio ou negro; é representada na representação, como o são “branquelo” e “azulado”.

De outro modo, pode se pensar a “*encarnação*” como um veículo que conduz o insulto verbal, na medida em que ele não é apenas a manifestação de uma opinião genérica sobre uma pessoa ou grupo em um plano interpessoal, presente em um contexto micro-sociológico. É uma relação que expressa implicações amplas para expectativas sobre posições e imagens sociais em um *framework* cultural mais amplo. Estas relações podem manifestar cotidianamente expectativas comportamentais e significados culturais sobre pessoas e grupos por meio de interações encobertas, referentes a tipos de expressões insultuosas sutis, não-ditas ou abertas, explicitadas em manifestações verbais. (FLYNN, 1977, p. 07-08).

Ou seja, no contexto local, no qual a ordem de uma sociabilidade informal abre pouco espaço político de legitimação para a realização de denúncias formais sobre discriminação, sugere-se que a “*encarnação*” entre estes estudantes podem ser, no limite, interpretadas por eles por meio da percepção de uma relação legítima e tensa que não despreza as regras estabelecidas (HUIZINGA, 1971, p. 14), o que a caracteriza como uma prática ambivalente, uma vez que ela não perde seu caráter discriminatório, bem como se expressa por meio da brincadeira, do chiste, da “*encarnação*”.

“Alan: você já viu alguma briga aqui dentro da escola?
Jorge: já! Ano passado! Foi comigo até...
Alan: foi? E tu poderias dizer como foi, assim... Me falar como é que aconteceu essa briga?
Jorge: olha... Teve assim, é... Eu e um colega tava na brincadeira com dois meninos lá na frente da cantina, a gente ‘tava’ se encarnando, eles ‘tavam’ na maior assim, ela tava tirando ele, o menino lá... Aí a brincadeira começou a ficar pesada uma hora. Um deles disse pra mim e pra minha colega que preto se perde no escuro, que preto tem tinta na pele, que preto é isso, preto é aquilo... Ele até falou assim: que preto, se jogar pra cima e voar é urubu, se cair é merda, e... Se correr é ladrão e... Se ‘fica’ no poste [de energia elétrica] é macaco e se ‘fica’ parado é suspeito... Aí eu disse que ele era um ‘veado encubado’ e ela uma “putinha” (risos)... Aí ele me deu um tapão que até sangrou até, eu tenho até uma marca aqui na testa... Ai o porteiro levou eu e ele lá pra diretoria pra falar com a E. M. e ela me levou lá com a D. R. Ele foi suspenso uma semana. Ele saiu da escola até” (grifos meus).

Jorge disse que no início de 2009, depois deste acontecimento, nas primeiras semanas de aulas, estava conversando com uma colega na frente da escola, no pátio de entrada. Um estudante que seria namorado da jovem que conversava com Jorge se aproximou da jovem e lhe perguntou por que “tava dando papo pra esse Macaco”. Jorge disse que foi ameaçado de “levar um tiro” por este estudante. Naquela circunstância, delatou a situação à coordenadora. Segundo o porteiro que viu a situação, eles estavam “encarnando” um no outro, pois Jorge parece ter reagido, chamando o ofensor de “ladrão safado”. “Esse menino ai tá até roendo grade”: assim se referiu o porteiro a um dos estudantes “ofensores”, querendo dizer que ele estava detido na Delegacia do Guamá.

“**Alan:** você disse que foi suspenso porque uma menina te ‘caguetou’, certo?”

Jorge: sim, ela é lá da 202.

Alan: e como foi a situação, o que aconteceu pra ela te “caguetar”, você pode dizer pra mim? Dizer como foi, o que aconteceu, porque ela te denunciou na coordenação?”

Jorge: não! É que ela levou a sério uma brincadeira da gente, que eu tava, tava toda a galera na sacanagem assim, todo mundo tava na sacanagem... Tava um... Não,... Três colegas nossos, eu, ela e umas meninas da manhã, que vieram fazer educação física. E ela ficou falando ai, com todo mundo e ela tava tirando uma menina que tava com a gente, eu, todo mundo tava na brincadeira, não era só ela e eu. Ela disse que a menina era ‘baixinha’, me chamou de cabeça ela. Aí, é... Eu encarnei ela né (risos). Porque é normal aqui, a gente ficar tirando um com o outro na saída da aula”.

Nesta perspectiva, a “*encarnação*” além de guardar um viés ofensivo, sugere representações simbólicas sobre a estrutura das relações sociais, ou seja, os insultos verbais são expressões lingüísticas definidas como *uma parte da cultura, não como uma coisa em si própria* (LEACH, 1983, p. 170). Nesta abordagem, os insultos constituem transgressões de tabus e expressões de nomes, são ações ou acenos socialmente proibidos que se referem ao sujeito que emana o insulto, sejam pessoas, animais ou fatos corpóreos, cujo resultado *é um fenômeno social específico que afeta tanto o ator quanto seus ouvintes de um modo bastante previsível* (p. 173). O tabu é simultaneamente comportamental e lingüístico, social e psicológico. Quebrar o tabu pelo insulto é quebrar regras, é afetar valores e códigos morais coletivos.

GUIMARÃES (1998; 2000; 2002) tratou as insultos como atos remissivos a ideologias raciais que circulam em vários contextos e instituições sociais no Brasil; tais ideologias foram concebidas como arcabouços semânticos, redes de sentidos para que a categoria nativa cor tenha relevância como critério identificatório racial. Este autor

interpretou as ofensas, de modo geral, como uma modalidade de expressão do preconceito de cor e do racismo brasileiro.

No primeiro trabalho, concebeu as insultos verbais raciais como a única evidência disponível para o queixoso de que a discriminação sofrida por ele é realmente de cunho racial, e não apenas de classe, como é muito comum no Brasil (1998, p. 28). No segundo e terceiro trabalhos (este último uma ampliação do segundo), o autor tratou do insulto racial em si mesmo como uma maneira de evocar e construir identidades sociais estigmatizadas (GUIMARÃES, 2000, p. 32-32; 2002, p. 172). Os insultos raciais servem para o ofensor como *lembretes* da posição social e histórica dos insultados, enunciados e elaborados muitas vezes sem acompanhamentos desqualificadores, pois desnecessários para a realização desses avisos do lugar subordinado dos “ofendidos”.

Mais que o termo, a própria cor adquire tal função simbólica, estigmatizante, como bem demonstram os sinônimos listados em dicionários de língua vernácula: sujo, encardido, lúgubre, funesto, maldito, sinistro, nefando, perverso, etc. O estigma pode estar tão bem assentado que é possível, por exemplo, a um negro se sentir ofendido por uma referência tão sutil quanto esta: ‘também, olha a cor do indivíduo. (GUIMARÃES, 2002, p. 173)

Ao mesmo tempo, as ofensas raciais trocadas entre os estudantes entrevistados são moralmente fortes o suficiente para agredir e humilhar, tanto para quem escuta, quanto para quem fala. Ofender é também um ato classificatório; classifica-se e se identifica quando se insulta alguém. Mas o que essa perspectiva teórica assinala é que ofensas adquirem esse potencial porque estão em constante remissão a ideologias raciais presentes entre os grupos sociais. Parece que aos diferentes grupos de estudantes de cada escola, com seus contextos particulares, existem correspondências de ideologias similares, marcadoras de diferentes experiências escolares.

Estereótipos e insultos entre os meus interlocutores são sempre remissivos ao que se discute e se vive dentro e fora da escola, aos conteúdos pedagógicos das disciplinas do currículo do ensino médio regular e aos modos de (auto) percepção imagética dos sujeitos a partir de sinais diacríticos fenotípicos percebidos sobre si mesmos e sobre os outros. O insulto como prática discriminatória se reforça mutuamente com estereótipos (HASENBALG, 2009, p. 260). Por isso, enunciar insultos raciais uns para os outros e a prática de classificar a si mesmos e aos outros a partir da categoria cor são acontecimentos que precisam ser verificados em termos de sua presença cotidiana em cada escola, com particularidades, mas remetidas ao contexto.

Todavia, ao adotar a leitura da ambivalência, devo explicitar que esta escolha advém da necessidade de defender a tese de que realizar uma distinção analítica indubitável entre o que se percebe como jocoso, “*encarnação*”, ofensivamente ritual ou anedota diante do que se considera como ofensivamente racial, racista ou injúria racial é um procedimento que desconsidera as fronteiras tênues entre os dois campos no espaço de sociabilidade entre estes estudantes. Esta operação é um exercício delicado, pois o que em um dado momento pode ser percebido como burlesco, lúdico, pode em outras ocasiões, entre os mesmos sujeitos, ser classificado como racialmente ofensivo, pode ser alocado, dependendo do “como se fala, com quem se fala e de quem fala”, em uma das situações ou em ambas, apesar de saber que o contexto e o momento no qual as ações e as interações face-a-face ocorrem é fundamental para perceber tais eventos.

Esta interação diz respeito a uma *forma lúdica da socição* (SIMMEL, 1983, p. 169), uma maneira de interação na qual os participantes se mostram a um só tempo interessados e descomprometidos, autonomizando suas atuações no sentido de evitar qualquer demonstração de um interesse objetivo nos assuntos tratados. Para Simmel, são as forças reais, as necessidades e impulsos concretos da vida social que produzem formas de comportamento ajustadas ao jogo. Enquanto processo autônomo, os envolvidos buscam retirar do

jogo sua gravidade. “É isto que dá ao jogo tanto a sua jocosidade quanto seu sentido simbólico, através do qual se diferencia da mera brincadeira” (p. 167).

Nesse sentido, pode-se cotejar esta noção de sociabilidade, referente à perspectiva de jogo a ela atinente, à outra definição de jogo cultural pensada como uma “[...] atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias (...) acompanhada de um sentimento de tensão e de alegria” (HUIZINGA, 2008, p. 33) As duas noções não se equivalem nos mínimos detalhes, mas, guardadas as diferenças, um confronto entre elas permite pensar a “*encarnação*” como um tipo de sociabilidade, um “jogo da vida social”, um momento lúdico, de prazer e conflito.

A “*encarnação*” entre os estudantes, como um jogo, adiciona o assimétrico, o subordinador, o desigual, e por isso, torna-se séria. Por isso, sociabilidade entre os estudantes também implica em conflito, mesmo que ele objetive o consenso, que se instaura de modo tácito, titubeante, hierarquizado. Essa sociabilidade pode por vezes derivar para formas bastante agressivas de interação – que trafegam no estreito limite do que possa ser chamado de “brincadeira”, na modalidade de interação que RADCLIFFE-BROWN (1974) denominou de “relações jocosas”, isto é, uma

Peculiar combinação de amizade e antagonismo. O comportamento é tal que em qualquer outro contexto social ele expressaria e geraria hostilidade; mas tal atitude não é a sério e não deve ser levada a sério. Há uma pretensão de hostilidade e uma real amizade. Posto de outro modo é uma relação de desrespeito consentido. (RADCLIFFE-BROWN, 1974 p. 91).

È o sincronismo dessa prática que quero destacar para explicitar que as três tipologias de insultos às vezes se comunicam umas com as outras, duplicando-se, entrecruzando-se. A “*encarnação*” é biforme: é,

por um lado, paródia, chiste, mangação, estúrdia, caçoadada, pândega, estroinice e troça, abarcado pela idéia de brincadeira e se soma, de modo tenso, com o insulto, agressão, injúria, afronta, humilhação e xingamento englobados pela idéia de insulto verbal. Pode ser um tipo de “desrespeito consentido” que viabiliza um tipo de sociabilidade dentro de um jogo ambivalente, jocoso⁴⁰ e ofensivo. Mas, as vezes, é reconhecido apenas como insulto ou somente como brincadeira. Por isso, é na duplicidade, na ambivalência de sua acepção que a “*encarnação*” é ofensora e burlesca; é cômica ao mesmo tempo em que inscreve no sujeito estereótipos fixadores do que Frantz Fanon chamou de *epidermização da inferioridade* (2009, p. 83), processo que transforma o corpo em apenas suporte de identificação de signos hierarquizados.

2. “Marcadores de ofensividade”: identidades na *sociabilidade ofensiva*.

Esta tese de uma ofensa ambivalente se reforça quando se nota que o esquema relacional *ofensor x ofendido* está atrelado às construções de identidades também ambivalentes. Isto é, uma ofensa é um processo insultuoso, que pode servir para humilhar e explorar estereótipos sobre os outros. Mas é, também, um processo dinâmico que aciona e é acionado por ideologias raciais⁴¹ e por marcadores de diferença e de diferenciação como gênero e orientação sexual. Tais marcadores, de algum modo, referendam o que podemos chamar de *experiência identitária*, estimulada pela construção de imagens visuais simultâneas à edificação de práticas de poder. Tais práticas, por sua vez, fazem-se na percepção social de individualidades (BRAH, 2006).

⁴⁰A jocosidade tem em sua origem etimológica os termos em latim *jocus*, *jocari*, que significam tanto *jogo*, como *troça*, *gracejo* (HUIZINGA, 2008, p. 41).

⁴¹Cor como uma categoria de classificação nativa informada pela idéia de raça, cuja presença na elaboração dessa categoria aparece sob a forma de uma ideologia racial, mesmo que não enunciada e explícita. Tal ideologia atua na atribuição de significado para a identificação de cor dos sujeitos, exercendo influxo nos mecanismos de classificação dentro dos grupos de cor. *Isto é, as pessoas têm cor apenas no interior de ideologias raciais*. (GUIMARÃES, 1999, p. 47)

Uma ‘identidade’ particular ganha forma na prática política a partir da *relacionalidade fragmentária* da subjetividade e se dissolve para surgir como um traço em outra formação de identidade. (...) o sujeito pode ser o efeito de discursos, instituições e práticas, mas a qualquer momento o sujeito-em-processo experimenta a si mesmo como o ‘eu’, e tanto consciente como inconscientemente desempenha novamente posições em que está situado e investido, e novamente lhes dá significado. (BRAH, 2006, p. 373-374).

Para BRAH, pensar em identidade é pensar em diferenciação e, portanto, em *identificação*, apenas processualmente, que se apreende intelectualmente enquanto se realiza politicamente na prática cotidiana, tornando-se um dado político. Assim, o visual é político e pode se construir como uma formação discursiva que é um lugar de poder constituído em “performances visuais”. Isto é, discursos de diferença são contingentes, de maneira que desigualdades e igualitarismos são discursos de diferença.

Já Para BHABHA (2007), pensar em identidade é pensar em uma articulação complexa, interseccionalizada e multidisciplinar que pretende problematizar uma noção unitária de sujeitos como “sobredeterminações” vindas “de fora” (BHABHA, 2007, p. 74). Assim, a identificação para este autor advém de uma abordagem filosófica amplamente inspirada na também profunda e difícil reflexão política de FANON sobre os mitos do homem e da sociedade que são minados pela situação colonial, bifurcada, *ambivalente*, dentro de um *sistema de diferenciação* que vê o outro como a negação necessária de identidades primordiais (Ibidem, p.86).

A identificação ambivalente do mundo racista [...] gira em torno da idéia do homem como sua imagem alienada; não o Eu e o Outro, mas a alteridade do Eu inscrita no palimpsesto perverso da identidade colonial. E é aquela figura bizarra do desejo, que se fende ao longo do eixo em torno do qual gira, que compele Fanon a fazer a pergunta psicanalítica do desejo do

sujeito à condição histórica do homem colonial.
(BHABHA, 2007, p. 75)

Assim, é possível pensar em diferenciação e identificação entre um conjunto de estudantes a partir do modo como eles vivem a alteridade por meio da *encarnação* através de epítetos insultuosos, mas que também são jocosos e zombarias (brincadeira). Por isso, se postularmos a existência simultânea dos dois elementos neste jogo de troca e de poder como um processo de identificação ⁴², a “*encarnação*” pode ser um processo identitário no qual se *ofende* e se *brinca*, que é assim percebida enquanto é feita.

“Larissa: não foi ano passado, foi em Março desse ano mesmo, que eu tava lá na quadra, aí eu mexi com um deles, assim, a brincadeira só, na aula de educação física e aí dois meninos lá do convênio passaram do outro lado da quadra e falaram **“ei negona lisa, cabelo ruim”** e ficaram dizendo um pro outro negona ruim é tu, não é tu assim sabe um pra o outro, pra disfarçar, mas eu sei que era pra mim e eu fiquei olhando eles e eles olhavam pra mim e ficavam falando, então eu disse perguntei pra eles se era pra mim, aí o outro disse ‘Te incomoda por acaso?’ Aí eu disse que sim porque eu era a única negra lá na quadra e aí eu ‘vim’ dizer pra irmã e eles disseram que não fizeram nada e aí a irmã chamou a mãe deles. Eles, aí, depois que eu vi eles outra vez, eles ficaram jogando ‘chaveco’⁴³ pra mim, mas eu não tenho nem contato com eles. Eles moram perto de casa lá, até.

Alan: como você define o que os seus colegas fizeram pra você?

⁴²O processo de identificação se dá diante de três condições: a) a existência de um registro do eu, de um lugar simbólico diante de uma alteridade que b) se constrói em um espaço de cisão, dentro de um uso ambivalente da diferença; d) a identidade nunca é pré-dada, nunca uma profecia autocumprida, uma demanda da identificação, isto é, ser *para* um outro (BHABHA, 2007, p. 76-77).

⁴³Refere-se a mensagens indiretas e implícitas emitidas de modo jocosos sem deixar evidente para quem se quer enviar a mensagem. Jogar *chaveco* é dizer qualquer coisa a alguém sem delimitar categoricamente quem é a receptora do chaveco, embora se saiba quem é, implicitamente, o alvo da mensagem.

Larissa: Ah, bem, eles “tavam” é perturbando minha cabeça, queriam me tirar do sério porque sou muito na minha e não dou bola pra esses meninos daqui. È um pardo e um “*branquelo*”. Uma coisa é encarnar outra coisa é falar da cor das pessoas que não tem que nada que ver com brincadeira isso.

Alan: o que você falou quando mexeu com eles?

Larissa: (risos) Ah, eu falei: ei monstro, cara de monstro... Mas foi na brincadeira só, eles falaram da minha cor né, é diferente.”

Vale ressaltar que Larissa se refere a um dos “ofensores” como “*branquelo*”, usado em tom ofensivo. Além disso, ela menciona ter “mexido” com os colegas ofensores. Pode-se suspeitar que a nomeação “*branquelo*” (dita por ela duas vezes em outros momentos da entrevista) seja uma terminologia que ofende sim, mas sem o potencial de agressão psicológica ao *self-esteem* (PORTER; WASHINGTON, 1979). Todavia, a ausência deste potencial não deixa de fazer do termo “*branquelo*” um vocábulo ofensivo. O termo “*Liso*”, que está presente na ofensa é uma gíria que se refere à pobreza. “*Negrura*”, “*pobreza*” e “*ruindade*” são adjuntados à “*negona*” para compor um arsenal de epítetos identificatórios difíceis de separar para explicar um possível significado profundo, que é, sobretudo, domínio de quem falou ou de quem escutou. No “*Madre*”, a marcação de diferenciação é dita em um tom burlesco. Na entrevista com um dos estudantes “ofensores”, o tom de brincadeira é ressaltado. Para ele, os termos foram ditos como “*encarnação*” e, por isso, não tinham a intenção de *ofender*.

Alan: Antônio, e como foi aquela situação com a sua colega Larissa, que reclamou na diretoria que você a ofendeu, que você xingou ela? Como foi?

Antônio: Ah, foi. Mas foi brincadeira. Não foi sério. A gente fica tirando um com outro aqui. Ela que foi lá caguetar. Mas ela me xingou também. Aí eu falei pra ela, respondi né, na sacanagem só!

Alan: eu queria saber o seguinte, você tava sozinho no dia?

Antônio: eu tava com uma colega. Mas ele não foi suspenso, só eu fui.

Alan: e vocês se falam? Depois que ela foi à diretoria?

Antônio: não... Às vezes só! Mas faz tempo isso, foi ano passado isso aí!

Se este *ofender* de Antônio for tomado como identificação, podemos pensá-lo como um processo que nunca é um a priori, tampouco um produto acabado, pois é um mecanismo, um meio e não uma consequência. Ele é um processo problemático que acessa imagens psíquicas de totalidades (imagens que são *pontos* de identificação), e que marcam o lugar de uma ambivalência. Como representação, esta imagem é fendida e temporalmente adiada, uma representação do que está ausente, por meio de repetições.

A Imagem é apenas e sempre um acessório da autoridade e da identidade; ela não deve nunca ser lida mimeticamente como a aparência de uma realidade. O acesso à imagem da identidade só é possível na negação de qualquer idéia de originalidade ou plenitude; o processo de deslocamento e diferenciação (ausência/presença, representação/repetição) torna-a uma realidade liminar. A imagem é a um só tempo uma substituição metafórica, uma ilusão de presença, e, justamente por isso, uma metonímia, um signo de sua ausência e perda. (BHABHA, 2007, p. 85-86)

Todavia, devo salientar que o mais exato a se usar em termos de descrição mais próxima das práticas por mim observadas, para além do que me foi dito pelos estudantes, seriam as expressões compostas “*ofendidos/ofensores*” e “*ofensores/ofendidos*”, posto que, na troca de insultos, o *ofendido* ou a *ofendida* que registra a ofensa junto à diretoria de sua escola, delatando um ato de *desrespeito* ou *xingamento*, “*encarnação*” ou “*tiração de sarro*” contra ele ou ela

também perpetrou ofensas – ou "*encarnações*" – antes, depois e durante a realização do insulto recebido e denunciado.

È a dimensão do conflito que o termo sociabilidade faz referência que pode destacar nesse caso o seu aspecto de *sociação* da equação outro - eu, eu – outro, dentro de um conflito latente. È um conflito que busca consenso, sem alcançá-lo de modo simétrico. Instala-se nessa troca de ditos ofensivos a subordinação: quem encarna mais *é mais*, porque todos encarnam. *Encarnar* em grupo *é estar sobre* aquele que *é* ofendido individualmente.

Desse modo, no lúdico encarnar e ser encarnado, a enunciação de epítetos ofensivos se prende a um *vai-e-volta* da encarnação. Quem encarna sabe que pode receber uma encarnação de volta. Mas quando se sai do jogo – porque ele ofendeu uma das partes – por meio de uma delação a um ente externo e *superior* aos jogadores (ou o coordenador, ou a diretora), o “delator” perde; ele *é* acusado por meio de termos que denotam a sua fraqueza diante dos outros colegas e dos principais jogadores, *é* um “desmancha-prazeres”, pois dilui as fronteiras arbitrárias do jogo (HUIZINGA, 1971, p. 15). O delator passa a ser um “*cagueta*”⁴⁴, “perde” para os outros “*encarnadores*” quando procura a diretoria da escola. O que *está* em jogo *é* o *jogar*.

Esta prática de ofender e brincar *é* notavelmente exercida de modo mais cíclico entre os meninos. Entre os supostos “ofensores”, 16 deles são homens, o dobro de mulheres. Encarnar, assumir a posição de *tirador de sarro* *é* um papel exercido mais pelos meninos, viabilizando dentro da escola exercícios de socialização dentro de regras hierárquicas que modelam a busca e a manutenção da virilidade, do ser homem, para ser forte. Ser “*chato*”, “*atentado*”, “*engraçado*”, “*encarnador*” *é* viabilizar esta conduta, na qual se autoriza dizer ao outro, de modo truculento o que ele *é* para quem fala sem a resposta do outro.

⁴⁴ Delator, denunciante, equivale a X9, um tipo de traidor, dedo-duro do grupo.

Na ofensa destacada abaixo, há uma outra dimensão do jogo: a intersecção de aspectos raciais e sexuais em dois epítetos insultuosos que se localizam no interstício simbólico do que é jocoso, insultuoso e pornográfico. Na ofensa perpetrada contra Mariana, a referência à felação que o termo “*chupar*” denota e a precedente expressão *prechoca*, termo usado de modo acentuadamente sexualizado entre os estudantes – a *prechoca* equivale ao estereótipo “Raimunda”, “feia de cara e boa de bunda” –, são componentes de uma díade ofensora que se remete a estereótipos raciais e sexuais, situados, sobretudo, no campo do feminino.

Mariana: há, (risos) foi em Março, na segunda semana eu acho até, eles tavam me perturbando, eu disse isso lá pra diretoria. Mais um deles, não vi quem foi, porque eu tava aqui na sala e eles ai fora, eu tava esperando uma colega minha sair lá do 205.

Alan: o que eles disseram pra ti?

Mariana: olha, eles disseram, porque foi um deles, porque tinham duas meninas e dois meninos, mas tava outro menina mas na hora que eu saí pra ver tava só elas duas e eles dois. Eles vivem aqui na grade só atrapalhando a aula, mexendo com o pessoal. Ai um deles, eu acho que foi um deles, falou aqui pelo buraco da parede: ‘égua da **prechoca chupona de pica**’ pra mim, ai eu fui sair eles saíram correndo.

Alan: Como você define o que os seus colegas fizeram pra você?

Mariana: Ah, bem, eles “tavam” é perturbando minha cabeça, porque eu tenho os beiços carnudos (risos), corpo grande (risos). Ai eles ficam enchendo o saco. É chato isso né? Chupona é muito feio essa palavra né? Mas eu uma vez chamei esse menino que é gay de “chupão” também (risos). Então é só vivendo que tu se incomoda com esse negócio”.

Mariana disse que o ato foi perpetrado pelo grupos que “*vive mexendo com o pessoal*”, mas que “*são engraçados*”. Classificou uma das estudantes como “*branca*” e outra como “*morena*” e fez a mesma

classificação para os outros dois estudantes. È nessa ambivalência ativa (ambígua também) que os *grupos de tiradores de sarro* ou *grupos de encarnadores* conseguem se manter bem cotados na fronteira entre o entretenimento que oferecem aos vários estudantes que riem de quem é encarnado por meio da “*tiração de sarro*” e a capacidade de ofender, de estrategicamente *encarnar insultando*, ao mesmo tempo que brinca com a característica apontada. Para Raquel, estudante apontada por Mariana como uma das ofensoras, a presença de outros estudantes no momento em que aconteceu a situação ofensiva parece ser um motivo crucial na decisão de Mariana em realizar a denúncia em sua escola. Raquel não foi a perpetradora dos termos ofensivos, embora ela declare que o que foi dito foi “*pesado*”.

Raquel: Olha... (risos) é porque é o seguinte: é que um colega meu tava encarnando ela, aí, porque ela chamou ele de bicha feia. Aí ele respondeu e gente falou também. Mas foi ele que falou aquele negócio lá que ela disse na diretoria. Mas a gente só riu só. A Mariana fala normal com a gente. A Coordenadora nem fez nada até. A gente é colega dela.

Alan: não teve ninguém suspenso das pessoas que encarnaram nela?

Raquel: não, porque a gente foi embora antes dela ir lá na coordenação (risos). Mas ele falou pesado com ela mesmo e o pessoal viu ele falando!

A encarnação esconde o potencial discursivo da discriminação, que também está lá. Reforça estereótipos raciais e sexuais que se coadunam e se imiscuem um no outro, sem especificações. O feminino, nesse caso, recebe a intersecção dos vocábulos sexuais e raciais: não registrei o anúncio de um “negão chupão de pica” ou “preto que dá o cú” nas conversas informais. Nesse jogo, as regras ambivalentes da encarnação estimulam a enunciação de insultos raciais de modo categórico e explícito, na medida em que estão sempre situados estrategicamente no plano da jocosidade anedotista, dentro da ludicidade, mesclada ao pilhérico, de onde não se sai com facilidade.

Desse modo, não se pode dizer que são brincadeiras que apenas ofendem ou que são somente práticas chistosas, jocosas. Elas guardam consigo um duplo sentido; são duplicações ambivalentes. A “*encarnação*” é fluida, mas possibilita o *ofender*, pois está mais na arena da ambivalência, e no do ambigüidade. Isto é, arregimenta consigo a duplicidade de ser ludicidade e ser discriminadora, manifestando preconceitos.

O que essa referência ao intercruzamento entre o racial e o sexual quer destacar é que o a mulher ofendida, neste caso, Mariana, recebe na ofensa racial lançada para ela um insulto sexual que parece ser inseparável do primeiro. Isto é, ofender racialmente a estudante é simultaneamente ofendê-la sexualmente, marcando a subordinação do feminino. Ofender uma colega com cognomes raciais, entre os estudantes, é registrar um adjutório sexual agressivo ao racial que se tornam concomitantes e interligados. Representações sobre gênero são interpenetradas à representações raciais, e vice-versa.

“Alan: Você gosta da escola?

Renata: gosto, é muito bom aqui, é a melhor escola daqui mesmo.

Alan: como é a sua relação com os teus colegas de escola, de sala de aula e com os professores?

Renata: olha... Eu tenho uma boa relação, os professores são muito bons, muito exigentes, é muito reforçado o ensino daqui... Eu só não gosto de uns meninos da sala que ficam *mexendo comigo*... Eu não gosto que eles fiquem assim sabe? *È dando em cima, é chato*... Uma vez um menino disse assim: ela é **pretinha, mas é bundudinha**. Eles são muito depravados (risos). *Tipo, eles olham na cara de pau pra mim, pro meu corpo* (risos). Ficam me elogiando, e aí as meninas ficam com despeito, *se cortando*

Alan: como assim despeito?

Renata: eu não gosto! Mas é as meninas que ‘fica’ ali na escada que ‘fala’ isso.

Quero ressaltar com os grifos acima um contexto no qual, conforme declarou Renata, o excesso de assédios, cantadas e elogios dos colegas de sala apontados a ela implica em relações pouco amistosas com outras estudantes. Essas relações decorrem da atenção que ela concentra em si de muitos colegas de sala. “*Ela é bonita, mas é mala*⁴⁵”: lembro desse comentário que ouvi de uma estudante, quando esperava o início de uma aula. “*Se cortar*” é ter inveja, cobiça por algo do outro. A oposição *mas*, presente na expressão ofensiva destacada, torna-se pertinente quando essa imagem de “*bonita*”, com a identificação “*preta*” – que é um apelido de família, conhecido por colegas e que por meio deles a identificação tornou-se conhecida na turma de Renata – associa-se à esta *beleza*. A afirmação de beleza estética que é positivamente moldada de modo estereotipado, contrastada pelo “*mas*” da ofensa, se baseia em uma simples afirmação: “*o corpo*”. o epíteto “*bicha*” se associa a outro termo: *estivador*.

“**Alan:** Você disse que foi ofendido, como foi?o que eles disseram pra ti?”

Hélio: me xingaram de *viado fudido*, um falou isso, o maior disse, e aí, e... O outro gritou de lá da frente da Igreja: ‘eita da **bicha estivadora!**’.

Alan: o que você fez quando isso aconteceu?

Hélio: nada ora! O que é que eu ia fazer?”. (grifos meus)

Alan: você já ofendeu ou ‘encarnou’?

Hélio: encarnei, já (risos), mas não é pra ofender, é mais brincadeira, não é o mesmo, eles ofenderam né, eu, me ofendi... Encarnação não ofende... Depende... (risos). Depende do que a pessoa te fala entendeu? Depende...”

O que vale destacar é que *estivador* denota elementos do senso-comum local (“macho”, “viril”, “negro ou mestiço”, “forte fisicamente”) que se referem a uma confluência de estereótipos de raça e gênero que também compõem a ofensa praticada. “*Bicha*

⁴⁵ “*Mala*” é usado também como sinônimo de arrogância e presunção, como designação de amizade.

estivadora” é uma marcação de múltiplas identificações estereotipadas. Além da indagação final, nota-se que há resposta da estudante diante do ato. Chama a atenção também a possibilidade de exemplificar, por meio desta ofensa, um tipo de intersecção da diferença (AVTAH BRAH, 2006) que articulam semânticas da diferença no âmbito da experiência, da relação social, da subjetividade e da identidade dinamizadas na mudança:

A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade. As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança (BRAH, 2006, p. 371).

Visto por um dos professores com quem conversei como um “*aluno muito tranqüilo, muito na dele*”, o estudante ofendido geralmente anda na companhia de duas colegas da mesma sala pelas dependências da escola. Isso inclusive estimula comentários balbuciados de outros estudantes e de outras meninas⁴⁶. Muitas vezes, quando Hélio caminha no saguão central com duas colegas que sempre estão ao seu lado, os estudantes que estão sentados nos bancos de madeira, ao lado das salas do térreo, fazem comentários sobre os três, seguidos de risos irônicos.

3. Um algo mais? Ensaiai a Agência na “*encarnação*”?

Outro aspecto que quero chamar atenção é o modo como essa dinâmica relacional assimétrica e hierárquica existente entre os

⁴⁶ALTMANN (2003, p. 293) registrou em sua pesquisa de sobre sexualidade em âmbito escolar que determinar pejorativamente a homossexualidade de homens na escola por conta da amizade que eles têm com as meninas, que lhes fazem companhia nos intervalos entre as aulas e nas conversas dentro das salas de aula também é uma prática comum em muitas escolas.

estudantes envolvidos nas situações ofensivas pode ser pensada. Remetendo-me a comentários de mães de estudantes de ambas as escolas, de colegas e professores da UFPA e a minha memória como ex-estudante do “Zaca”, parece que o contexto atual da troca de ofensas parece ser diferente de alguns anos atrás. Conforme tais informações, em décadas passadas as respostas imediatas dadas pelos “ofendidos” aos “ofensores”, os contra-insultos, eram antes um motivo para o reforço das ofensas. Isto é, quanto mais se respondia às “*encarnações*”, mais se era encarnado. Assim, parece que quando se retrucava à um insulto se decretava a sua cômoda continuidade durante todo o ano letivo, todo vez que se fosse visto pelos “*encarnadores*” em qualquer lugar.

Neste contexto atual parece que alguns fatores estão reforçando a ação de responder as investidas insultuosas. O acesso as informações referentes a respeito e tolerância, uma fragmentada mais presente noção de cidadania, do modo como ela chega à vida de cada estudante, seja pelos esforços dos professores em atividades extraclases sobre o tema e, sobretudo, nas feiras de cultura cuja temática é recorrentemente escolhida para intitular o evento, seja pelo acesso a discussões midiáticas que chegam à escola, fora dela, parecem ser elementos que modificaram aquela relação de aceitação passiva das ofensas, de modo que se responde à ofensa quase que automaticamente, mesmo que ela seja feita diariamente.

Desse modo, para além de uma lógica de ação-reação, de ofensa *versus* contra-ofensa, há neste contexto um exercício de Agência. Ou seja, como retorno do sujeito, mesmo que como ato contingente, mas contíguo, pois relacional, a Agência, tal como a interpreto, sugere uma maneira de perceber a ação histórica e suas narrações como uma possibilidade de cindir e repensar atos e posições individuais como simples ações de resistência diante da disjunção (separar, afastar) dessa história.

O que se quer dizer é o seguinte: mesmo sabendo que as reflexões de Homi K. Bhabha estão situadas inicialmente no plano da luta política

entre os discursos coloniais e pós-coloniais sobre narrativas de nação, é a perspectiva de *Agência* como contraponto a uma perspectiva de *resistência* sobre as ações dos sujeitos que quero furta do autor para assinalar e pensar as contra-ofensas e, sobretudo, a decisão em fazer o registro delas na diretoria. Ou seja, sem se preocupar em ser acusado como cagueta, “*amamãezado*” (que equivale, entre os estudantes, a “mimado”, protegido pela mãe, fraco, medroso, covarde) e continuar, depois disso, respondendo às ofensas em determinado momento e, mesmo até, sendo “o ofensor” em outros as denúncia podem ser vistas como atos remissivos a uma *contingência que constitui a individuação – no retorno do sujeito como agente – que protege o interesse do domínio intersubjetivo* (p. 264) os estudantes “ofendidos” jogaram o jogo de estar na escola. Não saíram do jogo, trouxeram novas regras e maneiras de jogá-lo. O jogo de ofender e brincar denota o dinamismo da própria sociedade e das gerações por ela produzidas nas duas escolas. Não é uma Agência indiferente ao social, ao intersubjetivo, pois é histórica e mutável.

A Agência acontece nas articulações do *estar-junto humano*, relacionadas à discriminação e a diferença cultural, sendo uma interrogação liminar dos dois últimos (BHABHA, op. Cit. p. 265), mas *re-age* ao que lhe incomoda, agindo. Não somente *contra-ofensas*, mas *ofensas*. Não somente reativas, resistentes, apenas, mas agentes, ativas, sobretudo, uma vez que esta Agência é ambivalente, é ação e reação. É um modo com base no qual se pode ensaiar uma postura nova para lidar com aquela imagem, presente em BHABHA, do *palimpsesto perverso* (inspiração profunda na idéia de conhecimento do corpo em terceira pessoa, da existência em triplo, apontada por FANON), que reforça a sobreposição de estereótipos suturados um ao outro, esquematizando no corpo uma história coletiva que passa a ser passível de estouro na medida em que a *costura* das camadas de estereótipos autoritários são detectados e definidos como tal pelos sujeitos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero.** Campinas In: Cadernos Pagu, nº 21. pp. 281-315, 2003.

BENTO, Maria A. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: **Psicologia Social do Racismo.** BENTO, Maria. A.; CARONE, Iray. (Orgs.). Petrópolis: Vozes, pp. 25-58, 2007.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: editora UFMG, 2007.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade e diferenciação.** Campinas. In: Cadernos Pagu, nº 26, p. 329-376, 2006.

CARVALHO, Marília P. **O Fracasso Escolar de Meninos e Meninas: Articulações entre Gênero e Cor/Raça.** Campinas. In: Cadernos Pagu, nº 22, pp. 247-290, 2004.

CONNEL, R W. **Políticas da Masculinidade.** In: Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, nº 2, 185-206, Jul-Dez, 1995.

EDMUND, Leach. Aspectos Antropológicos da Linguagem: categorias animais e insulto verbal. In: DAMATTA, Roberto (org.). **Edmund Leach.** São Paulo: Ática, p. 170-198, 1983.

FLYNN, Charles. **Insult and Society: patterns of comparative interaction.** Port Washington, N.Y., Kennikat Press. 1977.

FANON, Frantz. **Peles Negras, Máscaras Brancas.** Rio de Janeiro. Ed. Fator, 1983

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não-marcada. In: **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. (Org.): WARE, Vron. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. **Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade**. Cadernos Pagu. São Paulo, n. 6, pág. 67-82. 2000.

GUIMARÃES, Antônio S. A. **Preconceito e Discriminação: queixa de ofensas e tratamento desigual aos negros no Brasil**. Novos Toques, Salvador, pág. 17-29. 1998

_____. **Racismo e Anti-racismo no Brasil**. São Paulo, Editora 34. 1999

_____. **O insulto racial: as ofensas verbais registradas em queixas de discriminação**. Estudos. Afro-asiáticos. n.38, Rio de Janeiro, dez. 2000.

_____. O Mito Anverso: o insulto racial. In: **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo, Editora 34. 2002.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2ª Edição, 2009.

HUIZINGA, J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971.

hooks, bell. We Real Cool: black man and masculinity. New York: Routledge, 2004.

JOHNSON, Allan G. **The Blackwell Dictionary of sociology: a user's guide to sociological language**. Massachusetts, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Nacional, 1976.

PIZA, Edith. Branco no Brasil? Ninguém Sabe, Ninguém Viu. In: **Tirando a Máscara: ensaios sobre o Racismo no Brasil**. GUIMARÃES, Antônio S. A. & HUNTLEY, Linn (Orgs.). São Paulo: Paz e Terra, p. 97-126. 2000.

_____. Porta de Vidro: entrada para a Branquidade. In: **Psicologia Social do Racismo**. BENTO, M. A. S. & CARONE, Iray. (Orgs.). Petrópolis: Editora Vozes, pp. 59-90, 2007.

PORTER, Judith R. & WASHINGTON, Robert E. **Black Identity e Self-Esteem: a Review of Studies of Black Self-Concept**. 1968-1978. In: *Annually Review Of Sociology*. Pennsylvania, Nº 5, 53-74. 1979.

RADCLIFFE-BROWN, E. Estrutura e Função na Sociedade Primitiva. Vozes, Rio de Janeiro: 1974.

SIMMEL, George. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: **George Simmel, Sociologia**. Evaristo de Moraes Filho (org.) São Paulo: Ática, 1983.

SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e média no Brasil. In: **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. WARE, Yvon (org.), p. 363-386. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004.

_____. **Aqui Ninguém é Branco**. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2009.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**, Florianópolis, Revista Estudos Feministas. vol. 9 nº 2. 2001.